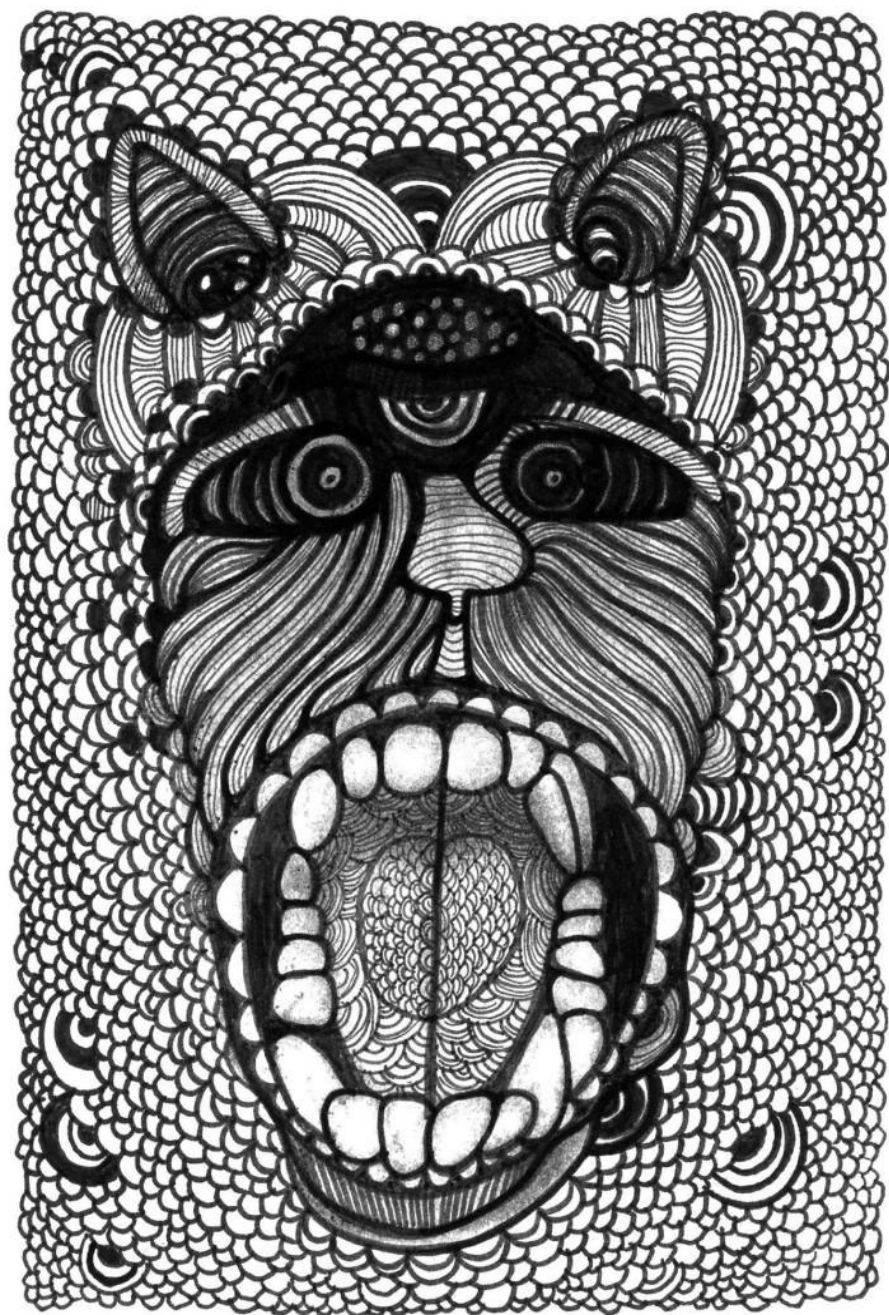
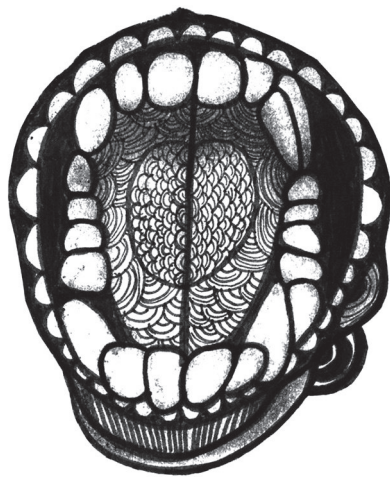


**geografia dos ossos** *nina rizzi*





**geog  
dos**

**rafiã**

**OSSOS**



**das coisas que fazemos juntos**

## **cantata pra mnemosyne**

*“you have to kill to stay alive” - iron maiden*

finalmente li o poema “quando eu tinha seis anos”

era o paraíso. mesa para quatro, comida pra dois  
os meus olhos correndo as antigas avenidas. solidão.

tão espessa a chuva, para tão curto encontro, senhor

- senhor, era como chamava, em mania  
senhor, era o que escorria fogo dos lábios.

o poema inesquecível, chuva de zeus sobre dânae  
os dedos perdidos em algum buraco. ponte preta, manicaca.

tão perenes os traumas, pra o dilaceramento tão breve, senhor.

## **e danço um tango com você**

eu li nas tls do mundo que mazombos e mazombas  
acham bem normal um estupro, que as mina tão se entregando  
assim facim facim  
e eu lembro que os afegãos estupram mulheres de burca  
porque elas exageram no kajal e rímel  
eu ouço que uma menina de 8 dá rindo o que eu não dou chorando.

tenho vontade de vomitar enquanto olho o vão do metrô que nunca  
vai chegar.  
não sai nos jornais, inúmeras gentes - essas mulherzinhas também -  
se jogam ali todos os dias.  
eu não vomito. hoje é aniversário da maria e quero enfeitar seu corpo  
de flores, de cheiros e uivos.

toda vez que penso na maria tenho vontade de chorar.  
eu perdoo o mito da superioridade de kipling. perdoo o esquerdismo  
do ggm.  
eu perdoo o oportunismo dos poetas do meu tempo.  
você, peço licença ao seu pai exú, te perdoo não.  
não engulo a sua arte e te mataria por isso,  
sr. polanski, sr. brando, sr. aleijadinho.

penso nas normalidades desses senhores

ela se insinua  
é pelo cinema, é por amor  
por deus, deixe - viver a vida

ora, uma maria assim tão dada  
uma maria assim tão nua  
uma maria assim com virgindade tão apertada

uma maria como todas as outras, pronta pra violação.

maria, seus olhos imensos duas amêndoas me comovem.  
sei que não sei dar amor a quem me estende a mão  
eu amo o feio e a deformação  
mas olha, você me olha  
e eu só quero encher seu corpo das flores mais lindas

eu te amo maria  
seu território também é meu  
seu silêncio também é meu  
amo você todos olhos moles, todas as marias violadas,  
anônimas.



## **das coisas que fazemos juntos**

seu aniversário, por exemplo

e a comemoração da independência da guiné-bissau.

ele aparecia, e seus olhos se perdiam nas estantes de livros e em tudo que nada dizia.

depois eu me desequilibrava

é porque você só come

dorme e come e dorme. e engorda.

aí me agarrava pelos peitos e me virava, arriava a calça e a calcinha tão minúscula

você me deixa louco com essa bunda enorme.

mais nada dizia. só se me enfiava o pau enorme de curta performance

gozava e corria a se lavar.

chorava, divagava

você é poeta. chorar à toa é coisa de poeta

vê como precisa de mim. goza tanto comigo.

faço uma cara de desconcerto

nunca consigo dizer palavra a esse homem, assim os dentes rangendo.

goza sim, tá escorrendo pelas suas pernas.

abafa um meu risogemido enfiando o pau na minha goela

me dá um filho. eu quero um filho.

corre pra se lavar com nojo da minha boca assim tão aberta.

lembro quando nos vimos a primeira vez

você é hetero?

depende do que vier

ahn?

nuvens, árvores...

e prometia todo suor de séculos de escravidão

pensava num derramado equívoco de quem nunca trepou

das mentiras que me conto pra me mutilar

sexo é bom até quando é ruim.

## **das coisas que fazemos juntos**

duas datas em setembro. não somos rosas, nada mais.

## **domingo, casamento em niterói**

meu benzinho desce às escadas pra sala de jantar.

dedos cansados, lhe digo querido não precisa, não precisa.

mas ele vai fazer soar os talheres.

## **um caimento perfeito**

minha filha se senta de pernas bem abertas  
usa uma calcinha infantil que lhe cobre toda quase nada  
esparrama tinta e grãos no chão  
se arreganha, se arregala.

combina em tudo com a paisagem:  
meia dúzia de livros que logo serão trocados  
utensílios de cozinha, duas redes, dois banquinhos  
em quase nada tudo cabe  
e cabia ainda numa paisagem tribal cheia de corpos nus  
brilhantes, suados e lisos  
nus a natureza pronta.

da janela bem aberta um espaço outro  
paisagem para o nada e sua gente que em tudo não combina dentro  
- fecha essas pernas, menina!

junto ao cimento e caos uma pessoa nua de tão pura  
exala uma inverdade, um absurdo  
por isso toda a gente está coberta de peles artificiais  
incríveis botas de pisar o chão doído.

faz sentido.  
um mundo que se esvazia para o nada.

volto dentro

a tinta tinge o chão, os grãos, a parede

suas pernas bem abertas

- quer dar uma volta lá fora, pequena?

não.

aqui dentro arde e treme uma outra verdade

que lá fora é invasão, atentado, feiura

corpos fora da des-paisagem.

faz sentido.

dentro é tribo, tecido chão macio pra se morar.

## **sem título, por ser mulher**

o que é um homem quando uma mulher é puta?

o que é uma mulher quando um homem goza co'a sua cara?

o que não somos quando é urgente arder e ardemos?

num baile de verbos cospem, amam, avexam, riem,  
gozam até que eu seja puta.

o que são eles quando me fazem puta  
senão machos gente putos?

eu sou uma puta?

## depois de um título de pierre reverdy

... não

me atrevo a me mirar, esta que só não é

silêncio [...]

caída. a casa

vazia, todas as horas

já passaram. as mãos já

não ocupam o lugar do nada.

nem animais, nem gente - tua

alegria contra a minha.

[tua: qualquer que possa existir além-isto]

algo cai em mim, «Sombra das Minhas Mãos»

como um verso, este verso «Os Homens Intratáveis».

cada gota confundida entre o rímel - chuva, oceano, lágrimas -

e é só a natureza, não poesia

como um verso, um título qualquer. não

me atrevo a atrevo me mirar, esta que só não é

silêncio, no texto.



**os peixes não se adaptaram à barragem**



## **notícia de jornal:**

os peixes não se adaptaram à barragem

## **anotação no caderno azul de teoria da literatura 2**

nunca aprendi ficar calada, cândida

uma mulher me fulminou com os olhos.

era professora. era quarta-feira.

estava a pensar o lastro

e o que pode ser caráter, leitura, função

o ar-condicionado pifou.

entre *langue* e *parole* comecei rabiscar

uns vazios e os nadas.

três caras estavam à minha frente  
tinham óculos e barbas e olhares atentos.

a professora me seguia a gagueira

não sabia eu jakobson, lucáks, jauss, tynianov  
todos os nomes que cabem na sala de aula  
falava eu os nadas e os vazios, gaguejava

quando a mulher me fulminava  
e o mundo era uma casca de nós.

## em lugar de documento com foto

perdi a prova de seleção e fui jogar *candy crush*  
nunca joguei *candy crush* mas lembro ano passado quando precisei  
fazer um aborto e esperava a assistente social a psicóloga e o  
vendedor de remédios esperava ao meu lado a jogar *candy crush*  
e ficava bem puto porque a próxima vida só viria em 29 minutos  
comecei a pensar nas pedrinhas explodindo como um último  
suspiro e a senhora doutora muito sabida com seu *lattes* invejável  
pra quem é dado à invejas dos *lattes* essa gente que diz você sabe  
quem eu sou e o meu *lattes* tem 9 páginas como eu vou saber  
que você é você e as pedrinhas explodindo sim ela tem razão eu  
também não sei saber como eu sou eu mas olha o documento  
não ajudava muito um nome que eu não uso uma família que  
não tenho e essa frase tão bonita como eu vou saber que você é  
você é tão poesia minha filha isso é concurso público não isso já  
não é poesia qualquer coisa como ‘empregadinhos de repartições  
públicas/ raquíticos/ sífilíticos’ isso é poesia minha tia e não tem  
uma vida daqui 29 minutos junto minhas 2 bananas amassadas  
no rascunho amassado com o parágrafo que o bonitão me passou  
ontem é literatura social vista como história social é por aí manja  
tudo amassado com as cascas das 2 bananas pretas e que palavras  
bonitas gramacho é uma palavra bonita e altamira admá e  
zeboim e os meus índios são também são tão bonitos e esquecidos

esquecidos como esse meu documento que não serve pra nada que não seja me perder uma prova e que não faz falta quando um amigo me manda uns 200 ou 300 paus e quando eu digo eu sou eu fico pensando nesse meu amigo tão bonito todo torto todo todo como será viver num poema de nome bonito de todos os santos de todos os fodidos como será escrever um poema onde se morar onde não ter documento com um nome amarelado um nome cláudia um poema sem nome sem concursos sem *candy crush* e as doutoras um aborto é muito sério como você pode ser atacada que falta de juízo no benfica e seus becos à essa hora e os doutores muito sabidos uma cidade com muitos 200 ou 300 paus e um amigo que me apareça às 11 pra salvar o dia pra te dar uma alegria santa nina pinta e maria e a gente ri e tudo é gargalhada e gozo pelos olhos é só paixão amor e eu não encarno em você só nas negas lindas todas pra te comer até o cu fazer bico e você volta pros domingos com a casa cheia a família tão feliz a cidade tão quieta mais prosa que poema volta enquanto caminho 12 minutos ouvindo que a diversão é na frente da tevê hdtv e rio ora mais 12 minutos e enfim me deito pensando pensando num poema que seja mais que fluxionismo nos *hollow men*

e ria eliot no *candy crush* as pedras explodem como um último suspiro

## **um copo de vinho pedido na vertical**

senhor v. tem razão, há coisas muito miudinhas a que vamos a nos tornar, nos apegar.

gosto, por exemplo, de reler ‘manhãs desperdiçadas’, dá vontade de comprar cigarros industrializados e fumar, fumar, fumar, até poder arrancar o cancro na unha.

há coisas ainda bem mais miúdas, como a frase ‘está um frio a mais’. um frio a mais também é um cancro que me cresce na garganta, o desejo de uma pastilha muito fina sobre a língua pastosa da manhã.

(detenho-me na primeira frase – e não sei que diabos fazer.

decido-me a tomar um carro de aluguel e ir até à praia. levanto as mãos bem alto pra trazer a chuva mais pra perto, como nos pés molhados e o suor no solado de borracha gasta. decido-me a subir quatro léguas ao mar e ver a manhã nublada na água a abrir o mais fundo o corpo e ainda mais. ali um riso, ali uns dentes e ali umas palmas muito contidas de quem quer bater e não bate. decido-me os rasgos e desvios. 11h30 não parece uma boa hora para dizer o que não pode ser concreto, uns filhos a cuidar, uma gente a cuidar e toda gente se conhece. decido-me a outro carro de aluguel e um mortal-triplo pela chuva acima.)

há ainda coisas graúdas a que não se deter, senhor v., o caroço da manga no prato, o caroço do abacate no prato, uma chávena imensa que não deveria se dizer chávena cheia de *xocoatl* bem quente. esse cancro que me sobe ao céu da boca.

a senhora do almoço pensa, um conto do pavese com o nome da ex-mulher que já é de novo sua mulher e então é isso: o amor nos distrai a todos das importâncias e nos torna tão delicados e tristes. coisas muito graúdas - e também das desimportâncias que não estão no roteiro, é certo. e já a altura de dizer não, um rimbaud imenso de graúdo se nos coloca no peito, com toda delicadeza.

a mochila pesa. 500 gramas da primeira carta de sêneca e sua urgência. 200 gramas de um calixto e sua morfina. a mochila é um aglutinador do tempo, eles vivem esse meu tempo desperdiçado, vivem eles o meu mesmo tempo. tenho cá os dois e um espaço entre eles, o que é este espaço desperdiçado? um movimento que não faço, um acontecimento é o que meus dedos tocam, o que me veem os olhos.

a senhora do almoço me deu a importância de um corpo inteiro. um copo de vinho pedido na vertical. e coisas muito miúdas e coisas muito graúdas. detemo-nos na distração?

## **de comer e saltar cambalhotas sobre o muro, uma água morna pra me cobrir os cornos**

escolho maçãs entre as muitas fileiras e carrinhos e as muitas gentes que vão ao mercado sábado de manhã. escolho maçãs as mais escuras e não argentinas, escuras por fora, não por dentro que ainda não se pode ver. seria bom morder a maçã e só então decidir-se a levar ou não levar, mas não é assim que segue a lógica dos mercados e nem mesmo das feiras. enquanto danço os dedos com uma maçã não tão vermelha, não tão triscada lembro que hoje era dia de feira agroecológica. detenho-me por um instante, deixo as maçãs rolares na esteira e subo 5 ou 6 quadras em busca de frutas muito mais frescas - é a promessa não se sabe se a realidade. mas não, lembro do homem muito triste que fica no caixa e o procuro entre os amontoados. está lá. fico remexendo as maçãs e penso nessa fronteira que nos separa: um homem triste com vocação para alegre e eu um benedetti, alegre com vocação para triste, ou tudo o contrário se é verdade, a ordem dos fatores não altera o resultado.

(lembro-me dos muros e fronteiras que falava o homem num português aturdido, num jeito sem-jeito, como quem acabasse de sair da cama e tivesse uma plateia morna à sua frente. sem-jeito como a mulher que nos ciceroneia a todos, com tanto atraso e dizendo que iremos nos atrasar ainda mais. tudo aqui é um atraso, a palestra sobre como se controla a violência em medellín e no Recife e eu nem lá; a criança que quer brincar e gritar e dizer em alemão eu sou maravilhosa; a poeira que se espera espanar para dar brilho às coisas todas. e tudo tão sem brilho, a mulher que chega tão sem-jeito arrebatada

como quem tivesse acabado de deixar a cama e nos deixa suas imagens em projeção e os olhos teimam em ler essa anti-ética e lemos todos ‘minha muito querida c.’ e tantas vezes a palavra muro e fronteiras. essa fronteira que se nos coloca o palco, um homem grande e desajeitado numa cadeira desajeitada e o vão terrível entre o tablado e o chão, entre o chão e nossas cadeiras confortabilíssimas que ele tem razão, quase dormimos e não se pode ouvir mais nada além de um boa noite, muito embora seu desajeitamento diga boa-tarde. ainda é tarde para eles, numa praia com algum nome auspicioso, num quarto de um hotel mal-cheiroso onde do banheiro se pode ver os telhados e calhas e canos e onde tudo isso vai dar. eu poderia ter dito a minha fronteira, essa que nos separa a boca, o corpo, as bundas tão fofinhas e famintas como laocoonte e os filhos esfaimados. mas penso antes na avenida do hotel essa fronteira entre uns miseráveis do morro, não uma favela clássica, mas ainda uma favela e sua gente que desaba com a chuva, santa terezinha, e na outra margem o hotel e sua gente tão rica, tão requintada. mas nada digo, quero me aninhar ao homem ao meu lado que acaba de chegar da França e da França eu só sei o que me chega pela *gallimard* e aqueles biscoitos e a torre e tudo isso que li, ontem, ano passado, sabe quando as fronteiras da minha memória. não digo coisa, mas abraço o homem quando todos se vão e ele diz que sim, espera que eu esteja logo num país de língua enrolada, de cujos músculos da língua vão acostumar-se a mim. eu espero mais, é claro. e vou embora sem dizer coisa, como quem fica em cima do muro ajeitando o melhor salto.)



6 maçãs não devem ser lá tão caro e então posso passear pelos renques e olhar toda a gente e que cara tem seu sábado. a velhinha com goma de tapioca, presunto e queijo, uns homens muito musculosos e umas cervejas, uma mocinha com recheados e refrigerantes. as mãos do homem triste, os olhos do homem triste, o crachá com seu nome destino, sim, joão, você deve ter a cabeça arrancada, mas meu nome é casa e não salomé. fico na fila do homem triste, todas as outras vazias e é bom assim, esperar, contrariando a mim mesma e a roupa que me espera atrasada, um livro que me espera atrasado, este texto que não me espera que há ainda muito a reverberar quatro ou cinco dias pegada na sala, dois dias pegada no chão do hotel, na cama do hotel, no banheiro do hotel onde se pode ver cada entranha de cimento e cal. uma água morna pra me cobrir os cornos. trazendo um pouco de alegria à essa vidinha tão besta de quem só registra preços pra o patrão, sensualizo com a tristeza de joão, como coisa que se não faço dói-me o corpo, ele diz que meu sorriso melhora a sua manhã tacanha. e eu prometo voltar às 5 e um quarto pra que se melhore também a noite. mas não volto que não posso lhe arrancar a cabeça, uma fronteira entre meu nome casa e o nome salomé.

# **a morte do favelado, réquiem**

*- motivo para aidan*

**1.**

os buracos vazios de vez  
trinta e uma mil balas para pacificação  
esturricam no chão

**2.**

um dia de manhã sentei naquele chão

tão preto

tão morto

fechei os olhos garrada em seu sangue seco

e pensei em quem seria

quem foi

ele os invisíveis

abri

como uma refugiada de guerra

uma vaca magra na fila do abate

### 3.

ouço as sirenes indo embora  
chegando  
como uma marcha de chopin

os pássaros  
o que é vivente  
estão lá - longe  
desse silêncio de mármore

outro carro  
mais uma nota na marcha  
insinuação de morte

### 4.

perene os vinte um sabores  
picolé pipoca algodão doce tapioca  
que os meninos se indo  
saberão ainda - ausentes

bombas pás  
rastros de névoa  
aqui acolá  
dissipam na floresta de ossos

# arcada auschivitz, poema impossível

[*para roberta silva*]

se é impossível escrever um poema depois de auschivitz  
penso num pequeno tratado sobre a numeração dos dentes

talvez um desenho, um poema visual, um processo semântico  
lograssem mais êxito, sobretudo se levamos em consideração  
que as palavras - coisas nomeadas e que juntas e comunicantes  
constituem a linguagem - são tão poucas, fino alcance do querer  
entredentes, se chamamos este de 'poema impossível'  
temos um poema da dor, mas que não dói, pós-auschivitz:

## 1.

o primeiro dente, aquele da arcada superior esquerda que nasce  
primeiro - ou que mais comumente é primeiro -, este primeiro, é  
o 11 e o seu vizinho, caminhando e contando sempre à esquerda,  
12 e sucessivamente 13, 14, 15, 16, 17 e 18.

seguimos para o vizinho da direita, daquele primeiro  
que chamamos 11, este vizinho da direita, chamam 21, sim,  
pularam os odontólogos em suas conferências os 19 e 20 e já  
antecipando, os 29 e 30 e os 39 e 40, por alguma razão que a  
bela dr<sup>a</sup> aparecida não disse. voltando, seguido ao 21, volver  
direita: 22, 23, 24, 25, 26 e 27.

2.

a arcada inferior

o primeiro dente debaixo, paralelo ao primeiro, que é 11, de cima caminhando e contando sempre à esquerda: 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38. volver direita: 41, 42, 43, 44 (e agora o famigerado 45 que nesses tempos de guerra, logo passado, dói tanto quanto já doeu um canalizado 44), 46, 47 e finalmente o 48.

pronto, uma boca com 48 dentes à minha revelia

uma boca pasmada aos números, uma boca escancarada por onde correm o vento, o café fumegante, o bochecho gelado do enxague

correm pelo papel como meus olhos de querer morder  
como o horror dos campos de concentração, como o riso  
das hienas - às conquistas, o progresso, o devir, deus

correm sem qualquer crença, sem qualquer novidade

(tudo foi e não será

os monumentos tombados

as cabeças cortadas

o brilho dos olhos dos pobres

a verde e tenra grama)

correm pelo papel

- como aos meus olhos os dentes -

correm como a vida se estende

dorida, sem sentido numerada

para a morte.

## **primeira variação pra fronteira: geografia da solidão**

(lado a)

a cobertura e suas mil-luzes acesas, o cheiro de carne morta;  
o resíduo dos serezinhos que cagam

- ser que é ser caga. se deus existe, onipotente e presente, ele faz  
é muita merda - o esgoto, senhor artaud

(o limite)

umas motos passam. param.  
trocam balas, crack. passam.

(lado b)

uma moça e uns gatos e um cigarro e uma dose de quê num prédio trapo.

a rua, fronteira metafísica, seria solução pra montanha depressão,  
mas não

eu a penso e ela me faz:  
saudades, merdas, poemas.

## **o poeta de qui l' query-esborrat**

o poeta de qui l' query-esborrat nasceu na somália  
- qui l' query-esborrat é mais um nome que soa  
muito bem num poema pronto a ser esquecido –  
muito em breve o poeta qui l' query-esborrat  
não será um poeta nascido na somália  
a somália será um cemitério de ossos  
varrido para o nunca  
a somália nunca terá existido como nunca existiu  
qui l' query-esborrat e o poeta de qui l' query-esborrat

o poeta nasceu pronto a ser esquecido  
como a somália atlântida palmyra heracleion ou o sergipe  
- o sergipe que só apareceu no horário eleitoral  
como chiste por estar à frente do ceará em programas  
de habitação cultura e renda –  
o poeta de qui l' query-esborrat tem um nome  
como arias calixto mombaça cervan lima vinhas  
o poeta pronto a ser esquecido não goza ou agoniza  
do nada que sabe sabe que o poeta é mínimo  
mas o poema o poema voará com qui l' query-esborrat  
a imobilizar os países do futuro as mãozinhas mesquinhas

o poeta de qui l' query-esborrat meteu um balaço  
direto no tempo na história na verdade nos tratados  
nas ciências teologias títulos e virtudes  
um balaço com um riso um poema vivo

## **pastoral da ribeira**

uma casinha incendiada surge no prédio ao lado  
o rio cobre as vigas e pedras e cimento e pó  
sob o rio se ericam casas-lama os homens prontos e um emprego  
trilhos e pregos e gente balouçam na casinha incendiada ao lado

afunda os pés de brincar co' ua nanã que ri o ferro que afunda largo  
um afogamento pronto pra uma cidade que nasce com seus homens  
fortes na peneira a colher demora a massa e mofa e demora a massa  
o fogão de barro submerso no lugar que nasce

acena um oi para a gente que vem incendiada  
arde o fogo e a água a pedra e ferro da gente que vem

olha pra a direita      mais adiante  
folhas de palmeira pra palhoça um pouquinho de amianto  
entulho e câncer e as cabritinhas tão bonitinhas ó as galinhas  
cisca cisca cisca

ôôôôôôôôôôôô

camisas numeradas regatas largas e de manguinhas

uma cidade emerge submersa  
uma ponte metálica de madeira uma ponte  
esaiada caiada com luzinhas pra piscar e muda muda  
olha a novacor de dez em dez segundos

um conjunto habitacional popular há quase cem quilômetros  
da gente que levanta e nasce uma cidade submersa



sete prediozinhos de três andares pra amontoar a gente  
saída de uma favela onde se gritar um estádio de futebol

ôôôôôôôôôôôô

uma cidade surge submersa no prédio ao lado  
é tanta gente é tanta gente e tudo que sente e faz a gente

incendeia, amor

incendeia

# tipitaka, em lugar de poesia

1.

as ruas do mundo se oferecem na fedex  
um prozac, um sabonete  
usado com pentelhos grudados  
embora gaste dentro esse sotaque  
eu nunca fui pra califórnia

do outro lado da rua os correios  
- enviar uma carta de 110g.  
sai por 6,72

a minha miséria também é sua

eu me jogaria do 8º andar

o chão quente do centro  
chega à sola de todos passantes  
eu não tenho nenhum centavo  
para o almoço, para os cigarros

uma moça me entrega diamba  
os versos de mombaça me estalam  
um metrô que não funciona  
a calcinha tão pequena que me rasga

penso em partir para outro sítio

cantar os meus mortos  
é atravessar um campo de neve

2.

um verso me martela  
abandonar o território conquistado

o homem antigo barbado e com óculos  
é só um desenho manchado

as pessoas se abandonam

talvez o nome puro, qualquer nome  
fosse mais que desejo  
ou menos mais ou menos

em sarajevo toda criança tem a pele coberta  
dum cheiro ocre  
os muros parecem dizer *i adore you*

lá sonhei com duas árvores  
uma delas africana  
eu e concha como coisa única  
nunca existimos, nem novokuznetski

tenho a ousadia de dizer  
meu nome, qualquer nome

é madrugada  
nenhum barulho de gente trepando  
nem nas janelas ou ao meio-dia

úmida, úmida

### 3.

estive no templo  
por alguma razão que não busco entender  
eles cobravam entrada  
do lado de fora fiquei a olhar  
os pés retorcidos e a cenografia do desespero

lembrava  
as duas sujeitas propondo cultos  
– você tem cara de crente  
você daria uma ótima crente  
eu daria apenas, e sigo a dar uns olhos de encruzilhada  
essa vingança em ser mortal, ser o que quiser  
conquanto palas e deuz e anúbis sempre eles

a cara do desastre  
ser o que quiser desde o caminho da miséria  
e a duração do que não pode permanecer  
o templo, a ruína  
em lugar de poesia

. oráculo

## POEMA SOBRE A LÁPIDE DE GIUSEPPE RIZZI

- ouvindo *Leil, Malek Jandali* -

Nunca podia estar aos pés da Deusa que me disse  
- em silêncio ouço esta canção, e quisera ter *cabeza* e ouvidos  
queimados pela radiação  
do demasiado humano, da madrasta, de Francis  
[Bacon -

Disse: e sempre serei sincera. Como pudesse a  
[frase guardar uma primeva  
verdade que busco - essa página em branco que me  
[permite  
bazófiás tantas, reciclagens e o doloroso pasme -  
[impossível.

O imponderável, estar aos seus pés, quando do mar  
[era um cuspe vomitado por ser morno;  
Das verdades infindas à Cecília e M. - nomes que  
[invento para tudo o que possa ser  
Belo e Sublime e Nada -, essa casca pegada às  
[palavras.

Mas acredite, quando tomo por oferenda a *Dedução* de Maikóvski:  
*Amo firme, fiel, e*

[*verdadeiramente*

- nossas almas claríssimas, jogadas uma à outra, [pelo obscuro  
mistério.

# «viver não é atravessar um campo»

- b. pasternak

coisas vermelhas caem estridentes  
sobre a neve compacta

uma cachaça ordinária  
meia dúzia de laranjas-lima

paixão  
fome

esquizofrenia  
abismo

a vida atravessa os dasht-e-luts sanguinolentos  
as sibérias impossíveis

o vermelho da gente escorre quieto  
sob o deserto

um silêncio de ossos  
uma comunhão com o nada

## **dg, solilóquio**

andar

seca e chuva

os longes, ferro e bosta

cacos terá

amontoado os louros

trote e terra

pedra haverá

bosque e monte até um antes

quando e pronto

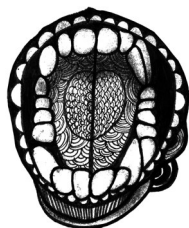
*“ninguém vai ouvir falar do seu nome”*

# Nina Rizzi

[www.ninaarizzi.blogspot.com](http://www.ninaarizzi.blogspot.com)

(SP, 1983), pesquisadora, tradutora e poeta. Tem poemas, textos e traduções publicados em diversas revistas, jornais, suplementos e antologias. Autora de *tambores pra n'zinga* (poesia, Editora Multifoco, 2012); *caderno-goiabada* (prosa ensaística, Edições Ellenismos, 2013); *Susana Thénon: Habitante do Nada* (tradução, Edições Ellenismos, 2013); *A Duração do Deserto* (poesia, Ed. Patuá, 2014); *Romério Rômulo: ;Ah, si yo fuera Maradona!* (versão em espanhol, Edições Dubolsinho, 2015); *Óscar Hahn: Tratado de Sortilégios* (tradução, a sair em 2016).





geografia dos ossos,  
escrito por Nina Rizzi,  
com capa e ilustrações de Hélder Ventura  
e composição de Joana Pires  
(so-what-saloon.blogspot.com),  
foi impresso na Gráfica 99  
em Fevereiro de 2015  
com o isbn: 978-989-99412-8-1



#35

miasoave@sapo.pt